



ORIENTE MÉDIO

Da guerra ao paraíso do turismo sexual

O porta-aviões a propulsão nuclear norte-americano USS Abraham Lincoln atraca na Tailândia, enferrujado, depois de nove meses ininterruptos em alto-mar, e da ofensiva contra Teerã. Os 5 mil tripulantes se divertem em balneário

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de 286 dias (nove meses e 16 dias) em alto-mar, os cerca de 5 mil tripulantes do porta-aviões americano a propulsão nuclear USS Abraham Lincoln desembarcaram em Pattaya, balneário do turismo sexual na Tailândia. A cidade foi enfeitada com painéis de LED e com faixas alusivas à embarcação da Marinha dos Estados Unidos, além de mensagens de boas vindas aos militares. Nas últimas semanas, surgiram controvérsias sobre as condições de saúde mental dos marinheiros a bordo, com o relato de ao menos um caso de tripulante que se jogou ao mar, durante tentativa de suicídio. O estado do navio causou espanto em especialistas, com várias marcas de ferrugem visíveis.

Em nota, o contra-almirante Robert E. Loughran, comandante do Grupo 3 de Ataque de Porta-Aviões, disse que a chegada a Laem Chabang “fornece uma oportunidade muito merecida para nossos marinheiros e marines descansarem e recarregarem as baterias”. “Também sublinha a aliança forte e a parceria duradoura entre Estados Unidos e Tailândia. O que esse grupo de ataque realizou é verdadeiramente histórico. Não poderia estar mais orgulhoso do profissionalismo e da competência excepcionais demonstrados por cada membro desta equipe durante nossas operações na área de responsabilidade do Comando Central dos EUA”, afirmou.

A viagem do USS Abraham Lincoln começou em novembro de 2025, a partir da Califórnia, rumo a uma missão no Mar do Sul da China. O porta-aviões foi desviado para o Oriente Médio, pouco antes da ofensiva conjunta entre EUA e Israel contra o Irã. A embarcação permaneceu na região por seis meses, em apoio aos bombardeios contra posições americanas.

Ex-oficial superior da Marinha que realizou 150 missões durante a Guerra do Vietnã como comandante e lan-cha de patrulha costeira, Harlan Ullman explicou ao **Correio** que “manter um navio em operação por nove meses no calor e na umidade do Golfo Pérsico cobra um preço muito alto da tripulação e, naturalmente, do próprio porta-aviões”. “Ao observar fotos do USS Abraham Lincoln, percebe-se que grande parte da pintura cinza-naval foi substituída pela ferrugem. Além disso, sem a manutenção realizada em terra, muitos dos sistemas operacionais do navio precisam de reparos”, disse o veterano, que também comandou um contratorpedeiro dos EUA e hoje é consultor seni- or do Atlantic Council e presidente do Killowen Group, uma empresa de consultoria estratégica.

Anthony Wallace/AFP



Mulheres divulgam descontos de 10% sobre o total de gastos para militares dos Estados Unidos no clube privê Sapphire em Pattaya

Anthony Wallace/AFP



O USS Abraham Lincoln no Porto Laem Chabang, perto da cidade

De acordo com Ullman, serão necessários pelo menos seis a sete meses em um estaleiro naval para fazer a manutenção e os reparos decorren-tes do desgaste causado pela missão prolongada do USS Abraham Lincoln. “De fato, é notável que o Lincoln tenha conseguido realizar a missão des- sa maneira, após tantos dias no mar, em um cenário de guerra e com o ini- migo atirando contra ele”, admitiu.

Em relação à escolha de Pattaya para o descanso, Ullman considera a cidade um “excelente porto de es- cala”. “Para quem esteve lá, há mui- to mais para fazer além de sexo — algo que, aliás, também se encon- tra no Rio de Janeiro. A tripulação terá recebido instruções para man- ter boa conduta e, sem dúvida, será

adotado um sistema de duplas pa- ra garantir o cumprimento das nor- mas navais em terra. Mas imagine ter passado um tempo no equivalente a uma prisão sem ar-condicionado — os conveses de voo e de hangar de um porta-aviões ficam expostos ao am- biente externo; é assim a vida em al- to-mar. Sem dúvida, as condições não são boas, por mais moderno que se- ja o navio.

Irã

A guerra entre Irã e Estados Uni- dos recrudescu nos últimos dias, com ataques americanos contra ci- dades no sul do território iraniano e com represálias de Teerã a bases dos EUA no Oriente Médio. Vice-diretor

Eu acho...

Arquivo pessoal



cumprir uma missão: defender o país. O senso de missão e o profissionalismo ajudam a manter o moral elevado e minimizar problemas de saúde mental.”

HARLAN ULLMAN, veterano da Guerra do Vietnã, consultor senior do Atlantic Council e presidente do Killowen Group

do Programa Oriente médio e Nor- te da África do instituto International Crisis Group, Ali Vaez disse ao **Cor- reio** que o conflito reacendeu porque ambos os lados acreditam que mais um aperto no cerco pode melhorar a própria posição. “Washington pode punir o Irã sem forçar a sua rendição, e Teerã pode elevar os custos sem der- rotar Washington. A única saída dura- doura é um equilíbrio negociado, que transforme a vulnerabilidade mútua em contenção mútua”, opinou.

Para Vaez, Trump confunde uma posição tática favorável com um de- fecho estratégico inevitável. “Os Es- tados Unidos podem até ter uma ca- pacidade muito maior de infligir da- nos ao Irã e maior liberdade de ação nas imediações do Estreito de Ormuz,

mas ainda assim não controlam o li- miar de tolerância à dor de Teerã — e um regime que acredita que sua so- brevivência está em jogo tem mais probabilidade de escalar o conflito do que de capitular. O perigo é que o desfecho ‘inevitável’ não seja a ren- dição, mas outra rodada de guerra.”

Ainda segundo o estudioso, a ar- madilha é uma guerra fácil de inten- sificar e cada vez mais difícil de ser encerrada. “Cada retaliação iraniana cria a justificativa para um novo ata- que dos EUA, e cada ataque dos EUA dá a Teerã mais um motivo para de- monstrar que a coerção não funcio- nará. É assim que uma guerra curta se transforma em uma guerra sem fim — um degrau de retaliação de cada vez”, concluiu Vaez.

Projeto para “limpeza étnica”

O ministro israelense da Se- gurança Nacional, o ultradirei- tista Itamar Ben Gvir, apresentou ontem a proposta de seu partido, Poder Judaico, para expulsar da Faixa de Gaza, de imediato, 250 mil palestinos — pouco mais de 10% da população do território, ocupado militarmente por Is- rael. O projeto prevê a depor- tação paulatina do restante da população, o que caracteriza a “limpeza étnica”, e é visto no país como parte da campanha do mi- nistro e da legenda para a elei- ção legislativa de 27 de outubro.

“É um plano realista”, susten- tou Ben Gvir, que nas últimas se- manas vem promovendo segui- das ações de imposição unilate- ral da autoridade de Israel sobre os territórios palestinos ocupa- dos. Além de inaugurar novos as- sentamentos israelenses na Cis- jordânia, o ministro arregimen- tou seguidores para orações ju- daicas na Esplanada das Mes- quitas, na Cidade Velha de Jeru- salém, área que o direito intern- acional reserva, exclusivamente, para os muçulmanos.

“Temos que incentivar a emi- gração dos habitantes de Gaza”, argumentou Ben Gvir. A propos- ta aponta para remover do ter- ritório o restante dos cerca de 2 milhões de palestinos ao longo dos próximos seis anos. “É realis- ta”, insistiu. O ministro é um dos maiores incentivadores da colo- nização judaica em terra palesti- na no governo direitista do pre- miê Benjamin Netanyahu, que tem prognóstico incerto nas pes- quisas de opinião para a eleição, dentro de menos de dois meses.

Ben Gvir alega que “vários países” estariam dispostos a aco- lher os palestinos expulsos de Gaza, embora não tenha men- cionado nenhum, nominalmen- te. Os adversários lembram que, recentemente, ele defendeu que Israel mate “30 ou 40” palestinos em Gaza, todas as noites. A de- claração foi recebida com repú- dia nas Nações Unidas, na Eu- ropa e mesmo entre outras for- ças políticas israelenses. Os pa- lestinos equiparam a proposta à expulsão em massa da popu- lação árabe às vésperas da funda- ção de Israel, em 1948, a Nakba (“catástrofe”, em árabe).

As Convenções de Genebra, que regulam conflitos armados, definem como crime de guerra a remoção forçada da população de um território ocupado.

VENEZUELA

Maduro pede anulação do processo nos EUA

A defesa do presidente vene- zuelano Nicolás Maduro, captu- rado em janeiro por um comando de elite dos Estados Unidos e pre- so desde então em Nova York, re- queceu à Justiça que recuse as acu- sações a que responde, por “narco- terrorismo”, e arquite o processo. O argumento apresentado é de que Maduro goza de imunidade, como chefe de Estado. Embora tenha sido prontamente substituído pela vi- ce, Delcy Rodríguez, ele segue sen- do considerado, em seu país, como o chefe de Estado constitucional.

Delcy, que acaba de assinar com os EUA um acordo de concessão de vastas reservas de petróleo, é cha- mada oficialmente, em Caracas, de “presidente encarregada”.

A petição, apresentada pelo ad- vogado Alvin Hellerstein argumen- ta que o tribunal de Nova York res- ponsável pelo caso de Maduro “ca- rece de jurisdição” para julgá-lo ou a sua esposa, Cilia Flores, presa na mesma operação militar, no início do ano. “Nenhum tribunal america- no jamais presidiu o julgamento cri- minal de um líder estrangeiro que

era reconhecido no próprio país co- mo chefe de Estado em exercício no momento em que as acusações fo- ram apresentadas”, afirma a defesa.

“A imunidade de chefes de Esta- dos soberanos é um princípio fun- damental do direito internacional”, reforçam os defensores Barry Pol- lack e Anna Estevão. Segundo o do- cumento, Maduro também tem di- reito à imunidade porque as acusa- ções apresentadas nos EUA abran- gem o período em que ele serviu como presidente da Venezuela, a partir de 2013, quando assumiu

interinamente, como vice, após a morte do titular, Hugo Chávez. Foi reeleito em 2018 e 2024, em elei- ções que os EUA e países da Euro- pa e América Latina não reconhe- ceram, sob a alegação de fraudes.

"Prisioneiro"

Em sua primeira aparição pe- rante o juiz Alvin Hellerstein, em 6 de janeiro, Maduro, de 63 anos, proclamou-se inocente, afirmou que ainda era o presidente da Venezuela e declarou: “Sou um

prisioneiro de guerra”. Em outra série de documentos judiciais, Ci- lia Flores, de 69, reforçou os argu- mentos do marido. O juiz deverá responder ao pedido pedido apre- sentado ontem em audiência ma- rcada para 17 de novembro.

O casal está detido desde ja- neiro em uma prisão do Brooklyn, sob condições rigorosas, sem aces- so a jornais ou à internet. Madu- ro está autorizado a falar por tele- fone com a família e os advogados por aproximadamente 300 minu- tos por mês, com um máximo de

15 minutos por chamada, segundo uma fonte próxima a ele.

Há alguns dias, foram publicadas nas redes sociais as primeiras fotos de Maduro na prisão. Endereçadas aos netos, elas foram anexadas a uma mensagem na qual ele afirmava es- tar “firme”. “Permaneceremos fortes, serenos e confiantes: Deus está co- nosco. Deus proverá. A Venezuela re- nascera”, escreveu. Seu filho, Nicolás Maduro Guerra, deputado na Assem- bleia Nacional venezuelana, afirma que o pai está com boa saúde e de- dica seu tempo ao estudo da Bíblia.